

# DE CHALCHIUTLICUE A OXUM: A PRESENÇA DAS ÁGUAS NAS NARRATIVAS DE LAURA ESQUIVEL E CONCEIÇÃO EVARISTO

FROM CHALCHIUTLICUE TO OXUM: THE PRESENCE  
OF WATER IN THE NARRATIVES OF LAURA  
ESQUIVEL AND CONCEIÇÃO EVARISTO

## Thaís Andrade Silva

Licenciada em Letras/Português pela Universidade  
Estadual do Ceará (UECE) e mestranda em Literatura  
Comparada (UFC).

E-mail: [athais233@gmail.com](mailto:athais233@gmail.com)

ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0000-8492-1541>

## Cristina Maria da Silva

Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual  
do Ceará (UECE), Mestra em Ciências Sociais pela  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN),  
Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de  
Campinas (Unicamp). Professora Associada do Centro de  
Humanidades no Departamento de Ciências Sociais da  
Universidade Federal do Ceará (UFC).

E-mail: [cristina.silva@ufc.br](mailto:cristina.silva@ufc.br)

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-3784-8323>



**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo principal analisar como a água desempenha papel simbólico e significativo nas construções literárias das obras *Malinche* (2015), de Laura Esquivel, e do conto “Maria do Rosário Imaculada dos Santos”, presente na coletânea *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), de Conceição Evaristo. Nas duas narrativas, as autoras utilizam a água como um elemento que reflete a identidade, a opressão e a resistência, conectando-se às vivências das personagens. Dessa forma, a pesquisa se fundamenta em investigar, a partir da construção das narrativas, a feminilidade que se refere à resistência feminina traçando paralelos com as deusas de água doce asteca (Pugliese, 2023) e de matriz africana (Reis Neto, 2020), Chalchiutlicue e Oxum, respectivamente. Por meio de uma análise comparativa, o estudo permite uma compreensão mais aprofundada das relações de submissão e poder que as protagonistas enfrentam ao longo da vida, como: o roubo do corpo, o trabalho escravo e a recuperação do próprio *eu*. Assim, a pesquisa contribui para uma reflexão crítica sobre o protagonismo e a preservação da identidade ou identidades femininas, já que não são homogêneas ou mesmo possíveis de serem encapsuladas ou preservadas. A reflexão contribui para uma crítica sobre o protagonismo feminino e sobre como as várias possibilidades das identidades femininas podem ser plurais e estar em constante transformação a partir das mobilizações signílicas.

**Palavras-chave:** Água, Ancestralidade, Literatura Brasileira, Literatura Latino-Americana.

**Abstract:** The main objective of this work is to analyze how water plays a symbolic and significant role in the literary constructions of the works *Malinche* (2015), by Laura Esquivel, and the short story “Maria do Rosário Imaculada dos Santos”,

present in the collection *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), by Conceição Evaristo. In both narratives, the authors use water as an element that reflects identity, oppression and resistance, connecting to the experiences of the characters. Thus, the research is based on investigating, from the construction of the narratives, the femininity that refers to female resistance, drawing parallels with the Aztec (Pugliese, 2023) and African (Reis Neto, 2020) freshwater goddesses, Chalchiutlicue and Oxum, respectively. Through a comparative analysis, the study allows a deeper understanding of the relationships of submission and power that the protagonists face throughout their lives, such as: body theft, slave labor and the recovery of their own selves. Thus, the research contributes to a critical reflection on the protagonism and preservation of female identity.

**Keywords:** Water; Genetic Information; Ancestry; Literatura Brasileira; Literatura Latino-Americana

## 1 Introdução

A água, elemento vital e simbólico para os seres vivos, transita, desde as primeiras civilizações, entre o real e o mítico, carregando significados que atravessam culturas e tradições. “A vida nasce das entranhas das águas e dela somos feitos (as)” (Santiago, 2020, p. 17). Sem ela, não pode haver existência.

Nas mais diversas mitologias, a água emerge como fonte de vida e regeneração ou, paradoxalmente, como um meio de provação da morte. Em alguns mitos, a água representa<sup>1</sup>

<sup>1</sup> A água é frequentemente evocada como símbolo de origem, trânsito e transformação, estabelecendo uma ligação entre o plano material e a dimensão espiritual. Em diversas tradições culturais e religiosas, ela é utilizada em rituais de iniciação e purificação, como no batismo, na aspersão ou em práticas meditativas que a tomam como elemento de concentração e bênção. Nesse contexto simbólico, o ato de entrar em um rio ou de entrar em contato com a água representa uma experiência de passagem e renovação, na qual o sujeito emerge transformado, associado a um estado de cura e reconfiguração espiritual.

fonte, reanimação, fecundidade; em outros, conduz para o fim da vida, já que atravessá-la constitui um grande risco (Goedert, 2004).

Para Ana Rita Santiago, a água se faz como a primeira casa e, mesmo que não a sejamos, nos tornamo-as. “Rios, cachoeira, mar, chuva, neblina, vapor, granizo, neve, gelo, lama são algumas de suas exposições” (Santiago, 2020, p. 17). Portanto, a água se faz única ao mesmo tempo que é múltipla. Líquido incolor que desce do céu, que cobre o chão e escorre do rio para o mar. Líquido vital que banha os olhos, o nascimento, a fertilidade. Líquido que jorra vida, que beira a morte. Líquido de força pujante.

Nesse contraste, a fluidez e a mutabilidade da água permitem que seja feita uma metáfora rica para as narrativas que abordam desafios, transformações e resistências humanas. Para o fazer literário, essas simbologias se ampliam e passam a funcionar como um recurso de exploração de sentidos que ultrapassam o plano concreto, possibilitando a abordagem de temas como gênero, ancestralidade e espiritualidade, sobretudo quando figuras femininas ocupam o centro das narrativas. A partir desta ótica, este trabalho busca analisar como a água é exibida na obra de Laura Esquivel, *Malinche* (2015), e na antologia de contos *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), de Conceição Evaristo, no enredo intitulado “Maria do Rosário Imaculada dos Santos”. Ambas as obras dialogam com as divindades provenientes das águas de suas respectivas tradições culturais - Chalchiutlicue, a deusa das águas na mitologia asteca, e Oxum, a senhora dos rios e da fertilidade na tradição afro-brasileira.

Nesse contexto, buscamos entender como as águas, nas duas referidas obras, podem se coadunar com as divindades mitológicas aquáticas, explorando nas

narrativas como a fluidez do sagrado se desloca em torno das respectivas protagonistas visto que, tanto Malinalli - protagonista da obra de Esquivel - , quanto Maria do Rosário - também protagonista, porém, na obra de Evaristo - , não somente se entrelaçam nas águas, mas também revelam um encontro com a vulnerabilidade e com a resistência concebida através da fluidez desse líquido gerador.

Deste modo, este estudo apresenta uma análise comparativa entre as duas personagens ao compreender como os enredos traduzem a força simbólica da água no resgate de histórias femininas permeada por divindades mitológicas. Portanto, ao explorar a interseção dessas vivências, será possível discutir as águas como um veículo de poder e transcendência para corpos femininos que resistem às interdições da vida.

## 2 A água em Esquivel: a trajetória de Malinche regada a conexões de Chalchiutlicue

A obra da autora mexicana Laura Esquivel, por se tratar de uma narrativa histórica, apresenta fatos que remetem ao momento histórico de dominação hispânica aos povos que residiam em Tenochtitlán, atual México. Porém, para além de traços históricos, a autora mostra também uma riqueza de valores imaginários que agregam a estória “de una niña a quien nombraron Malinalli” (Esquivel, 2015, p.6), a partir de uma visão feminina, propondo uma nova interpretação que contrapõe a história tradicional.

Esquivel questiona se houve traição da parte de Malinche, já que a indígena, por muito tempo subjugada por ter atraído, não pertencia ao povo para quem era escrava e não os devia lealdade. Além disso, a autora

mexicana critica o domínio masculino e reforça o poder feminino da indígena em escolher o rumo da história, já que Cortés e Moctezuma<sup>2</sup> estão em segundo plano na narrativa (Hoffmann, 2013). Em uma entrevista concedida para os Cuadernos del CILHA, Laura Esquivel mostra sua percepção da protagonista e fala da relevância da obra para sua vida pessoal:

Ella era una mujer muy inteligente que hablaba náhuatl y maya, y rapido aprende el español, y no saben ustedes cómo la admiro, porque tanto el maya como él náhuatl están llenos de poesía, son muy simbólicos, ha de haber sido difícilísimo traducir y lo hijo de maravilla. Y además siempre piensan que era traidora, tú para traicionar a alguien tienes que ser parte de... ella no era mexicana, ella vivía em un lugar donde el imperio azteca los tenía sojuzgado a todos esos habitantes, donde le pedían una cantidad impresionante de tributos, ella tiene que estado harta de eso y tiene que haber deseado un cambio también. [...] Há sido muy importante describir Malinche porque he descubierto todo lo que ignoraba de la historia de mi país. Es un análisis de la función de esta mujer como ser humano y de su relación con su herencia cultural (2012. p. 8-9.).

É nesse contexto, portanto, que se evidencia o poder feminino na narrativa, construída a partir de um viés político e de gênero, conforme indica Esquivel ao conceber Malinalli como uma mulher inteligente, movida por desejos e vontades próprias, capaz de conduzir a própria trajetória à medida que a vida se desenrola diante de suas mãos. Ainda que condicionada a viver em função do colonizador, sua função de “língua” a

transporta para lugares intrínsecos e profundamente seus.

Entretanto, para além da escrita histórica, Esquivel busca na literatura formas de narrar a vida da indígena com metáforas pertinentes a fluidez que corre no líquido gerador. A autora mexicana consagra a vida de Malinalli em torno da água, o que refletimos sobre a perspectiva de uma relação forte com a deidade feminina Chalchiutlicue, visto ser esta a divindade asteca responsável pelo elemento sagrado das águas celestiais e terrestres (Pugliese, 2023).

Para os povos que viviam no império asteca, a referida deusa ocupava um papel central em suas vidas, visto que os acompanhava desde o nascimento até à morte. De acordo com Diego Durán, “Chalchiutlicue era considerada ‘el agua’, por lo que se la reverenciaba particularmente” (Durán, 1990, p. 450 *apud* Pugliese, 2023, p. 82). Reconhecida como a deusa que providenciava o necessário para a sobrevivência, Chalchiutlicue era cultuada porque os indígenas acreditavam que já nasciam com ela, uma vez que os bebês vinham cheios de sangue e eram banhados depois de nascerem. Além disso, os povos nativos reconheciam também que era a água que fazia crescer as sementes que comiam, com exemplo do milho (Durán, 1990 *apud* Pugliese, 2023).

Ademais, Durán explica que a água era considerada purificadora: era a partir dela que os nativos se banhavam e tiravam suas manchas e seus pecados. Encontravam também resiliência em poder continuar seus

<sup>2</sup> **Hernán Cortés** — Conquistador espanhol (1485–1547) responsável pela expedição que levou à conquista do Império Asteca entre 1519 e 1521, resultando na queda de Tenochtitlán e na incorporação do território ao domínio colonial espanhol.

**Moctezuma II** — Nono tlatoani (governante) do Império Asteca (c. 1466–1520), líder político e religioso de Tenochtitlán no momento da chegada dos espanhóis liderados por Hernán Cortés, durante o processo de conquista da Mesoamérica.

atos, pois depois de atravessá-las, estavam purificados dos pecados cometidos (Durán, 1990 *apud* Pugliese, 2023).

Desde seu nascimento, a indígena enfrenta as dificuldades de vir ao mundo acompanhada pelas águas torrenciais de Tláloc, o que pode ser interpretado como uma forma simbólica de resistência ao pesar da vida. A menina já se destaca entre seus parentes ao nascer com “el cordón umbilical entre los labios, como si una serpiente amordazara la boca del infante” (Esquivel, 2015, p. 6). Embora seu desembarço tenha sido difícil, a avó — que também exerce o papel de parteira — compreende o acontecimento como um sinal do deus Quetzalcoatl, evidenciando, mais uma vez, a forte presença das divindades astecas na narrativa.

Entretanto, a trajetória da personagem não se constrói apenas pela plenitude simbólica das águas, mas também pelo vazio que a atravessa. Destinada, desde cedo, a experimentar perdas, a personagem revela que a experiência de esvaziamento também compõe os processos de transformação. Nesse sentido, as águas não representam apenas abundância ou fertilidade: em seu curso, elas podem diminuir, fragmentar-se em pequenos filetes, aproximar-se da morte, quase desaparecer e, ainda assim, retornar. Assim como a água, o sujeito também passa por momentos de retração e recomposição, pois apenas quem atravessa o vazio pode tornar-se novamente preenchido.

Essa leitura simbólica das águas encontra ressonância em outras produções literárias. Na literatura africana, por exemplo, o romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto, publicado no Brasil em 2003, aproxima o rio da experiência do tempo, sugerindo que sua duração e seu curso são imprecisos. Nesse contexto, as águas podem

ser compreendidas como metáforas do próprio tempo, marcadas por fluxos, interrupções e retornos (Moura; Silva, 2023). Desse modo, tanto na narrativa de Esquivel quanto em outras tradições literárias, o imaginário das águas ultrapassa o plano natural e se inscreve como um campo simbólico de memória, transformação e continuidade.

Para além desse momento, ao longo da narrativa, evidencia-se a forte relação da protagonista com a água, uma vez que, com o passar dos dias, sua placenta foi enterrada junto a uma árvore; contudo, devido à intensidade da chuva, seu umbigo acabou sendo depositado entre a água e a terra (Esquivel, 2015). Esse gesto simbólico nos leva a associar a personagem a uma noção de pertencimento fluido, sem enraizamento, pois ela incorpora em si o fluxo incessante das águas. Nesse viés, é interessante observar que tal reflexão possibilita uma espécie de redenção da própria indígena enquanto figura tida como traidora: ora, se pela tradição seu umbigo não se fixou na terra devido à força da correnteza, por que ela, enquanto sujeito nascido da chuva, haveria de se fixar em um território que nunca lhe pertenceu? Por que traidora, se daquele povo ela não era parte?

É importante destacar que, por se tratar de um enredo narrado em terceira pessoa, a história de Malinalli se desenvolve em um tempo psicológico que nos conduz a um constante movimento de idas e vindas, articulando acontecimentos e lembranças da personagem. Nesse percurso, observa-se uma estrutura narrativa em espiral, na qual o início e o fim se entrelaçam (Hoffmann, 2013), instaurando um tempo que se dobra sobre si mesmo. Esse movimento espiralar remete ao que Leda Maria Martins (2021) concebe como a temporalidade do corpo em performance — um tempo não linear, mas ritualístico e

múltiplo, no qual o gesto e a memória se entrecruzam, fazendo do corpo um território de inscrição e reinscrição da experiência.

Dentro dessa perspectiva, verificamos como o início e o fim de Malinalli se encontram a partir das águas. Para alguns estudiosos, a figura da deusa Chalchiutlicue é relacionada com a protetora dos nascimentos (Sahagún, 1950-82 *apud* Hoffmann, 2013), sendo evidenciado na obra quando Malinalli foi batizada pela primeira vez pela própria avó, que a abençoou em nome da deusa Chalchiutlicue:

[...] la abuela dejó el incensario en su sitio y tomó a la niña entre sus brazos, la levanto nuevamente hacia el ciel, tomó agua con los dedos y se la dio a probar mientras decía: - Ésta es la madre y el padre de todas nosotras, se llama Chalchiutlicue, la diosa del agua, tómala, recíbela en la boca, ésta es con la que has de vivir sobre la tierra. [...] Cata aquí el frescor y la verdura de Chalchiutlicue, que siempre está viva y despierta, que nunca duerme ni dormita; deseo que esté contigo y te abraze y te tenga entre sus brazos para que seas despierta y diligente sobre la tierra (Esquivel, 2015, p. 9 e 10.)

A princípio, a menina é bem recebida pelos pais e pela avó paterna. No entanto, após a morte do pai, conforme a narrativa, a mãe a rejeita e entrega a criança para ser criada pela avó, pois passa a se relacionar com outro homem e teme comprometer a soberania da nova descendência. Sob os cuidados da avó, Malinalli aprende sobre o significado dos deuses, a importância das raízes e das sementes, e o valor simbólico dos códices<sup>3</sup>, entre outros saberes transmitidos pela matriarca paterna. Contudo, ainda na infância, com a morte da avó, a menina é entregue como escrava pela própria mãe, rompendo-se, assim,

o ciclo de acolhimento e sabedoria que até então a sustentava.

A convivência com a avó transmitiu para Malinalli a força e a herança ancestral. Da avó ela recebeu bens materiais como colares, pulseiras de grãos de milho, figuras de barro, brinquedos de argila, um vestido bordado, grãos de milho, cacau e uma moeda de grande valor, caso precisasse utilizar. No entanto, dela veio o afeto, aprendeu a conversar e a bendizer a terra, o fogo, o vento e a água. Também aprende a importância das memórias. A avó ensina a menina a desenhar e a narrar códices mentais, para exercitar a relação entre a linguagem e a memória e a compreender que a memória significa ver de dentro, ou seja, encontrar forma e cor para as palavras, sem o trabalho com as imagens não há memória. (Esquivel, 2015, p. 41). O trabalho de escuta da avó, era a maneira como ela trabalhava a imaginação e inteligência de sua neta preparando-a para a vida. Mesmo sem enxergar, a avó ensinava o que mais sabia: “Yo veo lo que está atrás de las cosas.” (Esquivel, 2015, p. 42).

Mesmo sem a sua presença, ela sabia que tinha para sempre a sua companhia. Nas palavras da avó: “Nunca me iré de ti. Cada vez que veas un ave volar, ahí estaré yo. En la forma de los árboles, ahí estaré yo. En las montañas, en los volcanes, en la milpa, estaré yo. Y, sobre todas las cosas, cada vez que llueva estaré cerca de ti. En la lluvia siempre estaremos juntas.” (Esquivel, 2015, p. 43).

Em seu aniversário de três anos, sentindo-se amada pela avó, ela brinca sem saber o que acontecerá. Brinca, no tempo da infância, durante horas com água e lodo.

<sup>3</sup> Códices são livros manuscritos produzidos artesanalmente por diferentes civilizações antigas. No contexto mesoamericano, eram elaborados em materiais como papel (feito da casca de árvores), pele de animais ou fibras vegetais e continham registros pictográficos e simbólicos utilizados para preservar conhecimentos históricos, religiosos, genealógicos e cosmológicos das culturas indígenas.

Mancha todo o vestido novo que ganhou da avó, como seus joelhos e mãos. A avó não a repreende, apenas escuta a sua alegria em dizer que de todos os brinquedos, os seus preferidos são seus brinquedos de água, pois eles mudam de forma. E sua avó confirma, que sim, afinal, eles são os mais bonitos, porque mudam e porque voltam, pois a água é eterna. (Esquivel, 2015, p. 38).

Contudo, ainda na infância, com a morte da avó, a menina é entregue como escrava pela própria mãe, rompendo-se, assim, o ciclo de acolhimento e sabedoria que até então a sustentava. Mesmo longe de casa e da família, percebemos que a jovem indígena não é desamparada pela deusa feminina. Em cada movimento marcante na vida da criança, a divindade estava presente. Era ela que a amparava, já que a recebeu e a abençoou. Chalchihuitlicue, para Pugliese, era a deusa da água e do conjunto dos líquidos geradores da vida. Era a partir dela que os humanos existiam, porque era ela “que los constituía” (2023, p. 86).

Os líquidos aparecem associados ao corpo de Malinalli, na vontade de urinar como signo do medo de que os deuses a tivessem abandonado e nas lágrimas que regavam o seu caminho. “El agua que escurría entre sus piernas era el signo de que el dios del agua la abandonaba y lloró todo el camino. Dejo regadas sus lágrimas por las veredas que recorría como si fuera marcando el camino que años más tarde habría de seguir de regreso, esta vez en compañía de Córtez.” (Esquivel, 2015, p. 35).

Com o tempo, tendo passado por vários povos e etnias, Malinalli foi entregue como “regalo” a Cortés, que se deparou com a inteligência da moça. O colonizador espanhol sabia que para conquistar as novas terras precisava de alguém que traduzisse seus ditos

para que fizesse aliança com os nativos a fim de conquistar o território. Ao se destacar por aprender rapidamente o novo idioma, Malinalli é elevada ao posto de “la lengua”, tornando-se uma mulher muito importante de sua época.

Em suas recordações, a jovem garota lembra, pois, de um dos ensinamentos da avó referente a fala. Quando relaciona a saliva à água sagrada dos deuses, nos fazendo associar, mais uma vez, a presença da deusa Chalchihuitlicue:

[...] La saliva es **agua sagrada** que el corazón crea. La saliva no debe gastarse em palabras inútiles porque entonces estás desperdiciando el **agua de los dioses**, y mira, te voy a decir algo que no se debe olvidar: si las palabras no sirven para humedecer em los otros el recuerdo y logras que ahí florezca la memoria de dios, no sirven para nada. (Esquivel, 2015, p. 22, **grifo nosso**).

É interessante observar que, mesmo guiada pelos ensinamentos da avó, a menina mobiliza sua força líquida para transmitir aquilo que o colonizador desejava ouvir e falar. Ainda que se visse envolta em certo sentimento de glória e na obtenção de benefícios, carregava em si um profundo pesar: o de ser mediadora da destruição daqueles que um dia também a submeteram.

Nesse mesmo processo, após o encontro com o colonizador, Malinalli é submetida a um novo batismo — não apenas nas águas do cristianismo, mas nas águas da morte e da transfiguração. O líquido que a banha deixa de ser apenas símbolo de purificação para tornar-se matéria de passagem, fronteira entre o humano e o divino. Como afirma Goedert (2004), o batismo não representa apenas a purificação, mas a santificação, sendo a água a fonte que jorra para a vida eterna — ou para a dissolução do que antes existia. Assim, emergindo desse rito ambíguo, a indígena renasce sob o nome de Marina, apagando-se Malinalli para que outra pudesse existir.

Curiosa, a menina quis compreender o sentido do novo nome que lhe fora imposto e ouviu apenas que “Marina era la que provenía del mar” (Esquivel, 2015, p. 45). Inconformada com a brevidade da resposta, passou a comparar o significado dos dois nomes que a habitavam: *Malinalli*, o primeiro, significava “hierba trenzada”; *Marina*, o segundo, “significaba que tenía asegurada la vida eterna pues el agua es eterna y por siempre iba a alimentar lo que ella era: una hierba trenzada” (Esquivel, 2015, p. 46). Nesse instante de renomeação, consuma-se uma espécie de morte simbólica: Malinalli se afoga para que Marina emerja, transfigurada nas águas que tanto purificam quanto devoram. A presença de Chalchiuhtlicue se faz sentir nesse rito líquido, quando a menina reconhece na água o ventre primordial e o túmulo do mundo — o elemento que, eterno, alimenta a grama, a terra e todos os viventes, mas também dissolve as fronteiras entre o corpo, a memória e o esquecimento.

Após aceitar seu novo nome e assumir seu papel como *la lengua*, Malinalli foi tomada por Cortés como mulher e, desse encontro com o sêmen — líquido gerador da vida —, concebeu seu primeiro filho: Martín. Na esperança de formar uma família com Hernán Cortés, a indígena reivindicou a liberdade que lhe fora prometida, pois, apesar de ocupar uma posição central como língua e companheira, continuava escravizada pelo espanhol.

Incapaz de cumprir sua promessa, Cortés a entregou a outro homem, Jaramillo, que também a engravidou. Profundamente ressentida com Cortés e magoada consigo mesma por ter facilitado a destruição do império de Moctezuma por meio de sua língua, Malinalli decidiu punir o instrumento que havia permitido tal tragédia. Dessa forma, dona Marina sangrou sua própria língua, deixando

que a água-sangue caísse como purificação de seus erros, gesto que, como observa Pugliese (2023), transforma a transgressão e a dor em rito de limpeza e redenção.

Atravesó parte de la vegetación, hasta encontrar un maguey del cual extrajo una espina y com ella se perforó la lengua. **Empezó a escupir la sangre como si así pudiese expulsar de su mente el veneno, de su cuerpo la vergüenza y de su corazón la herida.** (Esquivel, 2015, p. 152-153. **Grifo nosso**).

Depois, Malinalli deu à luz seu segundo filho no convés de um navio. Como gesto de lealdade à água — elemento que a acompanhava desde o princípio —, lançou o cordão umbilical da criança ao mar. Para seu contentamento, o rebento era uma menina, e ela pressentiu que sua filha lhe seria semelhante. O nascimento de Maria, filha de Malinalli e Jaramillo, fez com que a indígena a concebesse como “agua de su agua” (Esquivel, 2015, p. 154), o que nos permite, mais uma vez, reconhecer a presença de Chalchiuhtlicue — a deusa que rege os nascimentos, mas também os fluxos da morte, porque nela habita o princípio e o fim de todas as coisas (Pugliese, 2023).

Marina, Maria, Martín: três corpos gestados nas águas, três vidas moldadas pela força de Chalchiuhtlicue, senhora das correntes que geram, alimentam e submergem. Assim, a linhagem de Malinalli se torna parte do eterno movimento das marés, um ciclo em que o líquido não apenas dá forma à existência, mas a dissolve, purifica e reconduz ao ventre primordial — o mesmo útero de água de onde tudo nasce e para onde tudo retorna.

Tempos depois, já tendo passado pela travessia marítima e morando com o marido e os filhos em outras terras além do oceano, Cortés a procurou para que testemunhasse a favor dele em pedir suplício frente ao rei espanhol. Malinalli, porém, recusou-se em

oferecer ajuda e bradou palavras tão duras que o fizeram recuar em seu inflexível pedido. Em sua fala, Malinalli culpou Hernán por todos os males que assolaram os povos que ela conhecia, por levar os malditos espelhos que refletiam uma glória incompleta, uma fé deficiente por um deus único desconhecido (Esquivel, 2015). Malinalli/Marina refletiu que a busca verdadeira do *eu* somente era encontrada na presença dos deuses de sua criação, já que estes eram iguais a ela. Por isso, depois da discussão com Cortés, Malinalli precisava se reencontrar. Precisava entender que era ela, a mesma que fora ensinada pela avó a cultuar seus deuses, a mesma que fora batizada pela deusa da água.

Neste momento, a indígena voltou a si para enterrar seu passado e reencontrar ela mesma. Supôs que ela própria era uma deusa, que ela própria era eterna e que também iria morrer. Assim, para este instante da narrativa, assinalamos a introdução da deusa da água manifestada na própria Malinalli, sendo comprovado no seguinte trecho: “La muerte no la espantaba, todo a su alrededor le hablaba de cambio, de transformación, de renacimiento.” (2015, p. 176). E assim aconteceu: Malinalli, transformou-se em fogo, em água, em terra e se dissolveu no vento. Estava em tudo e em nada. Sabia que em seu momento do descanso eterno não lhe traria aflições, não haveria dor, somente o infinito, já que não era mais humana, era agora, uma deusa (Esquivel, 2015).

Assim, na morte, ao final da narrativa, a indígena reencontra a água — elemento que sempre marcou seus ciclos de vida e transformação. Depois de uma última noite junto à família, Malinalli caminha ao encontro da luz da lua e sente, em seu corpo, a consumação de sua metamorfose: a passagem da carne ao líquido, do humano ao cósmico.

Fue agua de luna. [...] Su voluntad de ser una com el cosmos provoco que los limites de su cuerpo desaparecieran. Sus pies, em contacto con el agua bañada por la luz de la luna, fueron los primeiros em experimentar el cambio. Dejaron de contenerla. **Su espíritu se fundió com el del agua.** Se desparramó sobre el aire. Su piel se expandió al máximo, permitiéndole cambiar de forma e integrarse a todo lo que la rodeaba. Fue nardo, fue árbol de naranjo, fue piedra, fue aroma de copal, fue maíz, fue pez, fue ave, fue sol, fue luna. Abandonó este mundo (Esquivel, 2015, p. 177 – **grifo nosso**).

Nesse instante, quando “*su piel se expandió al máximo, permitiéndole cambiar de forma e integrarse a todo lo que la rodeaba*”, Malinalli ultrapassa os limites da existência terrena e se dissolve no sagrado. Sua morte não é fim, mas retorno: o corpo se desfaz, e dela escorre a substância que sempre a definiu: a água. O gesto é escatológico e ritual, pois representa a comunhão final entre corpo, natureza e cosmos. Malinalli não morre; ela se funde. É absorvida pelas correntes de Chalchiuhtlicue, tornando-se uma com o ciclo eterno da criação e da destruição.

Nessa fusão, a indígena deixa de ser apenas mulher, mãe ou tradutora, e se eleva à condição de divindade aquática — aquela que habita entre o mundo dos vivos e o dos mortos, entre a palavra e o silêncio. Seu corpo expandido torna-se paisagem, rio, lua, semente e oferenda. Assim, o fim de Malinalli se converte em um retorno à origem líquida do mundo, em que a morte não é ausência, mas continuidade — o instante em que a matéria se desfaz para reencontrar o ventre ancestral das águas.

Neste ponto, a narrativa revela a culminância da relação entre Malinalli e o elemento aquático. A água, que a acompanhou desde o nascimento até o parto e o gesto ritual de lançar o cordão umbilical ao mar, reaparece na morte como potência mística: princípio e

fim de toda existência. Conforme aponta Durán (1990, p. 449 apud Pugliese, 2023), a água, nos ritos mesoamericanos, não apenas purificava o corpo do morto, mas também o preparava para o renascimento. Assim, ao submergir no elemento líquido, Malinalli não apenas morre — ela se reintegra ao ciclo cósmico que rege a vida, dissolvendo as fronteiras entre corpo e espírito, humano e divino, matéria e fluido. Sua morte, portanto, não marca o fim, mas a restituição do ser ao seu estado primordial: “Fue agua de luna”, afirma Esquivel (2015, p. 177), apontando para o retorno da indígena à substância primeira que a gerou.

Desse modo, quando “su piel se expandió al máximo, permitiéndole cambiar de forma e integrarse a todo lo que la rodeaba”, a personagem ultrapassa a condição terrena e alcança uma forma de divindade imanente. O gesto final de fusão com a água realiza a promessa contida em seu nome ancestral — Chalchiuhtlicue — e encerra o percurso de transfiguração que atravessa toda a narrativa. A fluidez do elemento sagrado é, assim, o meio pelo qual a indígena se desmaterializa e, ao mesmo tempo, se eterniza. A água é símbolo de purificação, resistência e transcendência; nela, o corpo colonizado se desfaz das amarras históricas e renasce como força originária, mítica e feminina — um corpo-deusa que se recusa à fixidez e à dominação, afirmando-se, ao fim, como princípio vital e político de reexistência.

### 3 Oxum nas Lágrimas de “Maria do Rosário Imaculada dos Santos”: o encontro da ancestralidade com a submissão revertida

O conto “Maria do Rosário Imaculada dos Santos” integra a antologia *Insubmissas lágrimas de Mulheres* (2016), de Conceição Evaristo. A coletânea de contos acompanha treze narrativas que contam histórias diversas

de mulheres protagonistas que narram suas vivências a partir da visão de uma narradora-participante.

Para Conceição Evaristo, o ato de escrever evidencia o atravessamento de ser uma mulher negra nascida em uma favela. A autora brasileira também afirma que lançar um novo olhar para aqueles que foram, desde sempre, subalternizados pela sociedade brasileira — marcada por uma história colonizada — faz emergir um novo formato de protagonismo das personagens, conduzindo a literatura negra contemporânea por meio de textos que contemplam as vivências e as memórias de um povo (Remenche; Sippel, 2019).

Neste viés, é importante salientar que dentro das suas obras, Evaristo cunha o termo *escrevivências* para explicar como funciona sua forma de escrita literária:

Quando eu usei o termo é... **escrevivência** [...] se é um conceito, ele tem como imagem todo um processo histórico que as africanas e suas descendentes escravizadas no Brasil passaram. Na verdade, ele nasce do seguinte: quando eu estou escrevendo e quando outras mulheres negras estão escrevendo, é... me vem muito na memória a função que as mulheres africanas dentro das casas-grandes escravizadas, a função que essas mulheres tinham de contar história para adormecer os da casa-grande, né... a prole era adormecida com as mães pretas contando histórias. Então eram histórias para adormecer. E quando eu digo que os nossos textos, é..., ele tenta borrar essa imagem, nós não escrevemos pra adormecer os da casa-grande, pelo contrário, pra acordá-los dos seus sonos injustos. E essa **escrevivência**, ela vai partir, ela toma como mote de criação justamente a vivência. Ou a vivência do **ponto de vista pessoal** mesmo, ou a vivência do **ponto de vista coletivo** (Evaristo, 2017a, **grifo nosso**).

Para Conceição Evaristo, a escrita não se limita a registrar vivências; ela é um gesto de reposicionamento das vozes historicamente

silenciadas. Ao colocar mulheres negras como narradoras e protagonistas de suas próprias histórias, a autora subverte o modelo tradicional do cânone literário brasileiro, que, em grande parte, foi construído a partir de perspectivas brancas e masculinas. Essa inversão ocorre porque as personagens deixam de ser objetos da narrativa para se tornarem sujeitos de sua própria memória e experiência. No conto “Maria do Rosário Imaculada dos Santos”, presente em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), Evaristo evidencia esse deslocamento ao construir uma narrativa marcada pela denúncia, mas também pela resistência, na qual memória, identidade e oralidade se tornam instrumentos de afirmação e empoderamento.

Em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), Evaristo inicia a obra explicando as belezas e as angústias de ser uma narradora-participante. Ainda, considera também que nessas andanças, o ouvir paciente da voz do outro se torna voz potente, sua também:

Da voz outra, faço a minha, as histórias também. E no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. [...] Portanto estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. Invento? Sim invento, sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. (Evaristo, 2016, p. 7)

Para fins de análise, já evidenciado nas primeiras linhas da narrativa, ao se deparar com uma narradora-ouvinte e antes de iniciar seu relato, Maria do Rosário afirma, por vezes repetidas, que de imaculada não tinha nada, ao contrário, não poderia ser santa, nem pecadora. A mulher não acreditava em pecados (Evaristo, 2016), não caberia em si tamanha violência religiosa.

Entretanto, para sua família, a “feminina santidade” (Evaristo, 2016, p. 54) precisava lhe acompanhar desde o nascimento em seu nome de batismo. Maria, a protagonista da história, ainda explica que seu nome original concebia mais alguns nomes santificados, deveria se chamar “Maria do Rosário Imaculada das Graças Conceição dos Santos”, porém, “o padre menos fiel à fé mariana, foi quem achou exagerado o sentido fervoroso [...] e não permitiu” (Evaristo, 2016, p. 54).

Maria do Rosário era bonita. Gostava de deixar a porta da casa sempre aberta, como se convidasse quem passasse a entrar ali. Tinha um sorriso encantador e falava de modo fácil (Evaristo, 2016), mas trazia consigo uma história com lágrimas que percorreram boa parte de sua trajetória. Antes de começar a contar suas vivências, a mulher pediu licença à outra, a santa (Evaristo, 2016), o que nos faz, pela primeira vez, associar a narrativa de Maria do Rosário a Oxum.

Oxum, a mãe das águas doces, é reconhecida na mitologia iorubá como senhora de toda a existência. Na tradição afro-brasileira nagô, ela está associada à fecundidade, à fertilidade e à prosperidade (Reis Neto, 2020). Segundo Reis Neto, Oxum constitui uma “operação fora do ideário colonial eurocêntrico” (2020, p. 118), desafiando a representação dicotômica da mulher enquanto sensual, hipersexualizada, infiel ou, alternativamente, como mãe imaculada, frágil, submissa e recatada.

Paralelamente, Iemanjá também possui mitos ligados às águas — doces e salgadas — e é reconhecida como rainha do mar (Reis Neto, 2020). Nas tradições nagô, ambos os orixás femininos compartilham funções relacionadas à fecundidade, à prosperidade e à manutenção da vida, justamente por estarem intrinsecamente ligados às águas e ao controle

da existência. Assim, a água torna-se simultaneamente símbolo e prática de vida, entrelaçando o elemento líquido à própria produção de existência e à perpetuação da força vital (Reis Neto, 2020).

Com a vinda dos povos africanos para o Brasil, os orixás também atravessaram o oceano, mantendo-se como referência central na religiosidade desses grupos. No entanto, a fé praticada por esses povos não era aceita pela Igreja Católica, exigindo um processo de sincretismo que permitisse a popularização e o culto livre aos orixás de forma consentida. Nesse contexto, Oxum foi “associada com Nossa Senhora Aparecida (da Conceição), [...] na maior parte das regiões do Brasil” (Reis Neto, 2020, p. 117), em razão das semelhanças entre as divindades: a maternidade, o cuidado com as crianças e a relação com as águas configuraram elementos fundamentais para essa articulação sincrética, permitindo a manutenção da religiosidade africana sob os moldes socialmente aceitáveis da tradição cristã. Dessa maneira, entendemos que o pedido de licença de Maria do Rosário para contar sua história não se referiu nem a ela própria, nem a santa que lhe batizara, mas a uma *outra* que precisa dar licença. Sendo, pois, uma representação da saudação iorubá *agô*, que significa pedir licença ou permissão para o orixá.

Após o pedido, a mulher começou a contar sua história para a narradora-ouvinte. Relatou que, por volta dos sete anos, apareceu um carro estranho próximo ao lugar onde morava, o qual causou grande curiosidade, já que por ali não havia a presença de automóveis, muito menos de um jipe. O povoado, chamado Flor de Mim, era pequeno, mas abrigava toda a família de Maria do Rosário e mais alguns cuja relação sanguínea nunca soubera precisar. De um lado, estava a

família que respondia por “dos Santos”; do outro, a família “dos Reis” (Evaristo, 2016, p. 45).

Era um povoado pobre, com casas simples e lotadas de pessoas em suas dependências. A casa da protagonista não era diferente: nela viviam ela, seus pais, dois irmãos, os avós paternos, duas tias solteiras, um tio solteiro e mais dois filhos desse tio, que os avós ajudavam a criar (Evaristo, 2016). Próximo à residência, moravam outros familiares e amigos que, se “não era do santo, era do rei” (Evaristo, 2016, p. 45). Assim, diante da aparição misteriosa, todos os moradores saíram de suas casas para contemplar o carro que se aproximava.

Era um casal que a população jugou ser estrangeiros, porém eram brasileiros assim como os demais. O casal, com muita conversa e simpatia, ofereceu um passeio gratuito às crianças que foi permitido pelos adultos. Várias crianças maiores e menores fizeram o passeio e regressaram aos seus, menos Maria do Rosário.

Na sua vez de subir no jipe, a menina foi com um de seus irmãos, porém o carro ganhava cada vez mais distância, sem sinal de regresso. Quando o irmão fora deixado às lágrimas pelo caminho, a garota ainda não tinha entendido a gravidade do tormento (Evaristo, 2016). Maria do Rosário fora roubada de seus pais por volta dos sete anos e passou mais sete morando com seus sequestradores. Durante anos achou que estivesse fora do Brasil, mas descobriu que fora morar em uma grande fazenda no sul do país.

Não tinha medo dos perigos reais, não sabia que as pessoas roubavam crianças. “Nos primeiros tempos sofri muito, chorava noite e dia. Choro gritado e choro calado” (Evaristo, 2016, p. 46), choro este que evidenciava todo o sofrimento da menina, choro que fazia rolar águas pelo seu rosto, lágrimas-água. Água que

provém de Oxum, água que existe princípio e cura, água que apazigua dores e aflição (Reis Neto, 2020).

A menina nunca fora chamada pelo nome, mas os sequestradores sabiam que sua chegada fora no mês de maio, mês concedido à Virgem Maria pela Igreja Católica, virgem que traz em seu nome fragmentos de mar.

Ainda criança, aprendeu a ler e a escrever através de uma moça que trabalhava na casa do casal. Aprendeu a lidar com o sangue mensal que a tornara, então, mulher. Não entendia, “achava que [...] já era mulher desde sempre. [...] De minha mãe ouvi, várias vezes, ela dizer que tinha uma menina mulher” (Evaristo, 2016, p. 48), porém, o sangue denunciava uma nova etapa de seu corpo. Tornara-se mulher pelo sangue-água escorrido, e, assim, encontrava-se mais uma vez com as águas de Oxum, já que este sangue é referente ao símbolo gerador da vida e, sem a presença de Oxum, não há fecundidade (Reis Neto, 2020).

Pouco tempo depois soube que o casal que a sequestrara estava se separando e que ela seria levada para morar com a tia deles. Da única felicidade que recebera dos dois, um cachorro batizado por ela de Jesuszinho, perdera com a mudança. O cachorro, que não era acostumado a uma vida agitada, ao chegar na nova cidade e perceber um movimento intenso, não resistiu (Evaristo, 2016). A menina, agora já crescida, teve que trabalhar e aguentou por mais sete anos o ambiente que lhe fazia, a todo momento, querer voltar para Flor de Mim (Evaristo, 2016).

Com o tempo, agora já mulher madura, Maria do Rosário conseguiu sair daquela primeira casa, mas passou por muitas outras também a trabalho. Namorou, casou, descasou, teve filhos – mas não os deixou vingar, tinha medo de perder os seus (Evaristo, 2016), até que a vida a levou de volta para Flor de Mim, “e,

apesar de me sentir, o tempo todo, me movendo sobre um rio de desconhecidas e perigosas águas, continuei nadando, para continuar vivendo” (Evaristo, 2016, p. 52).

Neste momento da narrativa, Maria do Rosário entende o rio como fonte de vida e de resistência para continuar sua trajetória. Entende, portanto, como a fluidez das águas de Oxum permite a capacidade de se sobrepôr aos obstáculos:

Oxum é a senhora das águas e dos rios que fluem e, portanto, não pode ser impedida. Suas águas sempre oportunizam e potencializam a vida. Com isso, a partir do caráter fluido de suas águas, Oxum nos ensina que é preciso aprender a contornar aquilo que nos impede de acessar a vida em sua plenitude. Inspira-nos, então, a pensar em estratégias de resistências a esses tempos de escassez ao mesmo tempo em que anuncia, mais uma vez, uma perspectiva política da comunidade, do exercício do amor, do cuidado e do esforço coletivo. Toda potente corredeira, toda imponente cachoeira nasce de um olho d'água. Nasce calma, pequena, miúda e vai, ao logo do seu caminho, ganhando corpo até se tornar um rio gordo. Com essa imagem quero dizer que é sempre junto aos nossos, em comunidade, que aprendemos a resistir e a contornar as interdições da vida (Reis Neto, 2020, p. 126).

Depois de nadar por longas e inquietas águas, Maria do Rosário retornou a Flor de Mim e, com uma palestra dada pela irmã na escola que, por coincidência se matriculou para retornar os estudos, reencontrou-se com os seus: “a voz irmanada no sofrimento e no real parentesco falou por nós. Reconhecemos” (Evaristo, 2016, p. 54). Voltou para seu lugar, na verdade, nunca saíra.

Através das águas que se encontraram com Maria do Rosário, percebemos como a história desta mulher nos mostra a força do rio dentro de si. Uma mulher que conseguiu transformar suas lágrimas. Durante anos, sofreu muito, chorou muito. “Um choro gritado

e choro calado” (Evaristo, 2016, p. 46), todavia sem deixar que as águas turvas a fizesse se perder do seu caminho de volta. Nunca quis ter família, tinha medo de não conseguir regressar e perder os seus para sempre. Em sua história, a personagem sabe que, “muitas águas rolaram e, de muitas, nem a misteriosa nascente eu conhecia.” Estudar é o que faz Maria do Rosário voltar, a não perder o desejo do caminho de casa. As águas do choro da separação, dos anos separada da sua própria história, vistas como as muitas águas do tempo, se metamorfoseiam como águas simbólicas.

#### **4 Histórias Cruzadas: Um Diálogo Entre Maria do Rosário Imaculada dos Santos e Malinalli**

Maria do Rosário e Malinalli são personagens cujas histórias atravessam dores profundas, como as perdas familiares, a escravização do corpo, como também pela busca por um amparo que ressignificasse suas trajetórias. Duas fortes mulheres marcadas por violências que sofreram durante a vida, mas que tomaram para si movimentos de ressignificação e resistência até findar os motivos de dor.

Porém, para além das dores, percebemos que as trajetórias individuais de cada uma das protagonistas quase que se fizeram compartilhadas, visto as ressignificações que fizeram durante a vida, principalmente em buscar nas águas forte amparo. As duas histórias foram atravessadas e vivenciadas em torno da complexidade das relações femininas com seus respectivos mundos, o que consiste em uma forte representação de como o corpo feminino enfrentou: a) comunidade que lhe apontava o dedo como traidora de seu próprio povo ao compactuar com o colonizador espanhol e; b) uma sociedade que não lhe

aceitava porque desde o início não viveu uma vida que não lhe pertencia.

Malinalli experimenta uma ruptura com os entes familiares quando foi entregue por sua mãe aos mercadores, passando de filha de um cacique à escrava (Esquivel, 2015). Tendo, pois, que essa separação não é apenas a distância de sua família como também um furto velado de sua identidade. Da mesma forma, Maria do Rosário sofreu a perda da convivência familiar aos sete anos quando foi sequestrada e levada para um mundo desconhecido (Evaristo, 2016). Separada de sua comunidade e de suas raízes, a personagem enfrentou um longo período de solidão, marcado por lágrimas incessantes e pela sensação de abandono.

A princípio, as duas protagonistas, ao serem separadas dos seus, passaram a integrar um ciclo de subserviência pungente em um novo modo de sobreviver. As duas foram encaradas como objetos personificados pelos seus senhores. Às duas são negadas a permanência e a vivência de sentir e experimentar a afetos durante a infância e a mocidade. Malinalli e Maria do Rosário não sabiam o que era pertencer, contudo sabiam que precisavam buscar forças para existir e conseguiram resistir a partir do amparo que encontraram nas águas que cruzaram seus caminhos, tenham sido elas lágrimas, sangue, sêmen, suor dentre outros. Encontraram nas deusas femininas de suas respectivas crenças força de vontade para prosseguir.

Malinalli encontrou amparo na divindade feminina de sua fé. Chalchiutlicue se tornou um reflexo da trajetória de Marina. A indígena, desde cedo batizada em nome da deusa, encontrou em sua própria imagem, um reflexo da deidade feminina quando tomou para si características que se entrelaçaram com a existência de Chalchiutlicue. Como tradutora, foi capaz de exercer papel de mediadora de

diversos conflitos, entretanto, enfrentou um espaço ambíguo já que também permitiu a ascensão do colonizador por traduzir informações imprecisas que a fizeram trair suas origens. Além disso, sua vida cíclica transformou a água como elemento purificador ao mesmo tempo que a tornava impura. A água simbolizou o movimento vivo na vida de Malinalli, ora sendo o líquido que simboliza seus medos diante dos obstáculos, pela urina, as lágrimas e as gestações, ora o líquido que a faz se reconciliar com seu próprio eu.

Malinalli encontra desde cedo nas águas uma forma lúdica de se comunicar. A água é linguagem e memória. Brincando na água e no lodo, fazendo bonecas de barro, bolas de lodo, afundando suas mãos nas pedras de gelo e levantando figuras, ela aprende o que a avó a transmitia sobre como se inscrever e tocar a vida. Curioso perceber, que esse movimento ancestral de tocar o solo, como uma forma de grafar a si mesmo, aparecerá também no procedimento de aprendizado da escrita de Conceição Evaristo (2020). No texto “Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita”, texto apresentado, em 1995, durante o VI Seminário Mulher e Literatura, organizado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, publicado no livro “Escrevivência: a escrita de nós”, ela explica:

Talvez o primeiro sinal gráfico que me foi apresentado como escrita, tenha vindo de um gesto antigo de minha mãe. Ancestral, quem sabe? Pois de quem ela teria herdado aquele ensinamento, a não ser dos seus, os mais antigos ainda? Ainda me lembro, o lápis era um graveto, quase sempre em forma de uma forquilha, e o papel era a terra lamacenta, rente as suas pernas abertas. Mãe se abaixava, mas antes cuidadosamente ajuntava e enrolava a saia, para prendê-la entre as coxas e o ventre. E de cócoras, com parte do corpo quase alisando a umidade do chão, ela desenhava um grande sol, cheio de

infinitas pernas. (...) Aquele gesto de movimento-grafia era uma simpatia para chamar o sol. Fazia-se a estrela no chão. Na composição daqueles traços, na arquitetura daqueles símbolos, alegoricamente, ela imprimia todo o seu desespero. Minha mãe não desenhava, não escrevia somente um sol, ela chamava por ele, assim como os artistas das culturas tradicionais africanas sabem que as suas máscaras não representam uma entidade, elas são as entidades esculpidas e nomeadas por eles. (Evaristo, 2020, p. 49).

Ela ainda esclarece o porquê do desenho desse sol. Elas precisavam dele para que as roupas secassem, seus “corpos tinham urgências”, as roupas molhadas poderiam mofar, precisavam do sol. “A chuva contínua retardava o trabalho e o pouco dinheiro.” O ritual era uma escrita permeada de múltiplos gestos, no qual todo o corpo se comunicava a partir dos movimentos dos dedos. (Evaristo, 2020, p. 49).

Maria do Rosário para não se perder de si, todas as noites contava para si mesma as suas histórias e as histórias da sua gente, contudo, com o passar do tempo, ela parecia ver a sua gente “como um desenho distante”, em que não conseguia mais alcançar os detalhes, tudo parecia apenas um esboço. Uma existência que parecia ser feita mais de inventos do que de verdades. “Será que Flor de Mim ainda existia?”. (Evaristo, 2016, p.48; p.51).

Similar a indígena, Maria do Rosário teve lágrimas-águas que escorreram durante anos de sua vida representam um elo com Oxum, visto que a revelação das águas doces se assemelha a esta divindade na mitologia iorubá. Oxum, além de ser doce, é uma grande guerreira que luta ao lado de Xangô, seu marido (Reis Neto, 2020), exercendo papel de resistência, sendo este um dos atributos que Maria incorpora ao longo de sua vida, principalmente quando nada em águas

tempestuosas para sobreviver (Evaristo, 2016).

À vista disso, as águas, presentes tanto nas lágrimas quanto no rio que Maria visualiza em sua trajetória de resistência, simbolizam não apenas o fluxo incessante da vida, mas também a habilidade de se adaptar e superar os obstáculos que surgem. A conexão com Oxum, portanto, transcende o físico, revelando-se uma metáfora poderosa para a fluidez e a persistência diante das adversidades (Reis Neto, 2020). Oxum ensina Maria do Rosário a contornar os limites das estruturas sociais e a encontrar força em sua dor, ressignificando-a como fonte de aprendizado e crescimento.

Assim, nas duas narrativas, percebemos que as divindades femininas – Oxum e Chalchiutlicue -, transcendem sua função meramente mitológica e assumem um papel simbólico central. Esses arquétipos divinos oferecem, nas narrativas, uma perspectiva rica e multifacetada sobre as maneiras como as personagens lidam com suas dores, perdas e desafios, ao mesmo tempo em que têm a força e a capacidade regenerativa do feminino em contextos de opressão e transformação.

As reflexões femininas são mais do que referências mitológicas: elas são representações profundas da luta das protagonistas para reivindicar suas narrativas em cenários marcados por violências estruturais e rupturas pessoais. Portanto, a resiliência que atravessa Malinalli e Maria do Rosário não reflete apenas uma resistência passiva ao vivenciarem as dores da separação familiar e os diversos outros problemas que as encontraram, mas encarnam um movimento ativo de transformação em que as forças do sagrado e do feminino permitem que sejam capazes de reinventar suas vidas.

## 5 Considerações finais

Ao explorar as narrativas de de Malinalli/Marina/Malinche – *Malinche* (2015), de Laura Esquivel e Maria do Rosário Imaculada dos Santos – *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), de Conceição Evaristo -, identificamos como as águas e as divindades femininas – Chalchiutlicue e Oxum – emergem como metáforas centrais na construção literária das protagonistas.

Ao longo da análise, comentamos que ambas as personagens carregaram histórias marcadas por dores profundas, perdas familiares e contextos de subalternidade, mas que, por outro lado, encontraram nas águas, simbólicas, elementos de resistência, reinvenção e cura.

Malinalli, associada a Chalchiutlicue, reflete a dualidade das águas, que podem refletir vida ou morte, ao espelhar a complexidade de sua posição como mediadora cultural e figura histórica contestada. Maria do Rosário, através de Oxum, transcende as lágrimas da dor e constrói uma trajetória de resiliência. Suas lágrimas, que remetem às águas doces do orixá, simbolizam não apenas o sofrimento, mas também a força regenerada e a capacidade de contornar obstáculos. Ambas as personagens possibilitam reposicionamentos para o feminino, que embora nas histórias contadas estejam marcadas por contextos de opressão, evidenciam também as possibilidades de ressignificação das suas experiências diante do conhecimento e conexão com o poder de suas ancestralidades, portanto, mulheres que, embora marcadas por contextos de opressão e rupturas, conseguiram ressignificar suas experiências ao se conectarem com a ancestralidade e o poder das gerações femininas.

Comparando-as, percebemos que, enquanto Malinalli foi confrontada pelo peso das águas de Chalchiutlicue como símbolo da ambivalência de suas escolhas, Maria do Rosário encontrou no fluxo das águas de Oxum uma forma de resistência às estruturas de violência e exclusão social. Contudo, em ambas as narrativas, as divindades femininas transcendem como meras representações mitológicas: elas se tornam arquétipos que iluminam a complexidade do feminino e a capacidade de transformação, resiliência e personalidade das personagens diante de contextos adversos.

Para mais, no âmbito acadêmico, este trabalho contribui para a discussão interseccional entre literatura, mitologia, gênero e ancestralidade, ao evidenciar como as narrativas contemporâneas têm potencial de ressignificar símbolos culturais e espirituais em diálogo com questões sociais e históricas. Ao refletir sobre as conexões entre água, divindades e protagonismo feminino, este estudo amplia o debate sobre o papel das literaturas de origem africana e latino-americana na representação das múltiplas formas de resistência feminina.

Também, pensando em um cenário sociocultural, as reflexões apresentadas revelam o poder das narrativas em provocar diálogos com identidades sociais distintas, mas que verificam o poder ancestral. As histórias de Malinalli e Maria do Rosário se tornam exemplos potentes de como a literatura pode não apenas denunciar as violências e exclusões, mas também valorizar os processos de cura e permanência. Assim, torna-se fundamental reafirmarmos a importância de destacar essas vozes na literatura e em outros espaços de produção de conhecimento, promovendo um olhar mais inclusivo e plural

para as histórias e memórias que moldam nossas sociedades.

## Referências

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Ilustrações de Goya Lopes. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

ESQUIVEL, Laura. *Malinche*. 1. ed. digital. México, D.F.: Debolsillo, 2015.

EVARISTO, Conceição. *Escritora Conceição Evaristo é convidada do Estação Plural*: depoimento [jun. 2017]. Entrevistadores: Ellen Oléria, Fernando Oliveira e Mel Gonçalves. TV BRASIL, 2017a. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xn2gj1hGsoo>. Acesso em: 31 dez. 2024.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017b.

GOEDERT, Valter Maurício. O simbolismo da água. *Encontros Teológicos*, n. 37, ano 19, n. 1, 2004.

HOFFMANN, Elisa. *Porta-voz entre dois mundos – uma análise da narrativa Malinche, de Laura Esquivel*. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Orientadora: Cinara Ferreira Pavani. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/79036/000900859.pdf?sequence=1>. Acesso em: 30 dez. 2024.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021.

MOURA, Alana Brandão; SILVA, Cristina Maria da. Curadoria de. *Guardiãs das memórias*. Design de Anderson Lemos Campos. Revisão de Solange Maria Soares de Almeida. Barueri: Printi, 2023. 32 p.

PEÑA, Sonia; ERASO, Mario. Laura Esquivel: “La educación solo es posible a través del arte”. *Cuadernos del CILHA*, v. 13, n. 17. Mendoza: Universidad Nacional de Cuyo, 2012.

PUGLIESE, Fiona. Los significados de la palabra “atl” y su relación con los dominios de acción de Chalchiuhtlicue: palabra polisémica y naturaleza divina polifacética. *Estudios de Cultura Náhuatl*, v. 66, p. 79-107, jul./dez. 2023.

REIS NETO, João Augusto. **Pensar-viver-água em Oxum para (re)cantar o mundo**. *Revista Calundu*, v. 4, n. 2, jul./dez. 2020.

REMENCHE, Maria de Lourdes Rossi; SIPPEL, Juliano. A escrevivência de Conceição Evaristo como reconstrução do tecido da memória brasileira. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, p. 36-51, 2019.

SANTIAGO, Ana Rita. *Águas: moradas de memórias*. Cruz das Almas: Editora UFRB, 2020.

SIMÉON, Rémi. *Diccionario de la lengua náhuatl o mexicana*. México: Siglo XXI, 1977